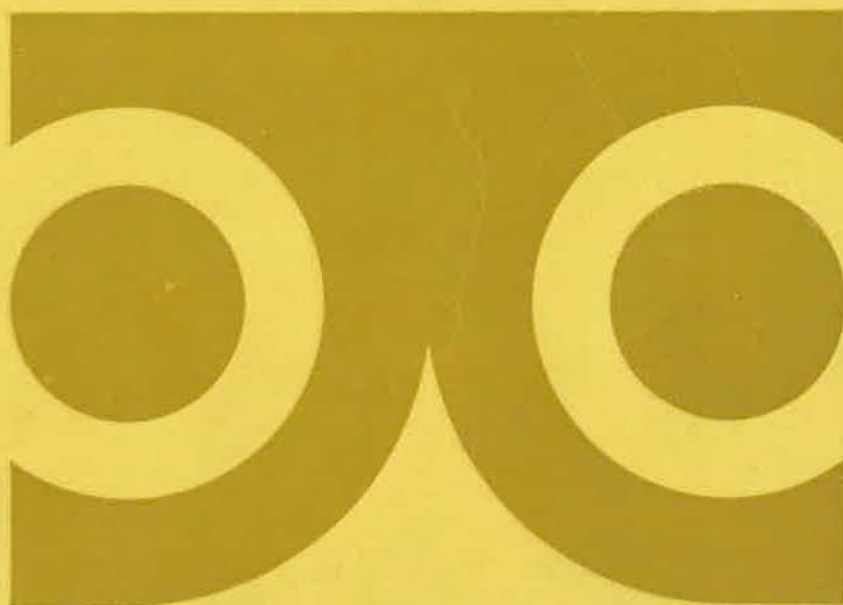




**REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA • VOL. 4 • 1982**



INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Re 4023/85



**REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA**

VOLUME 4 — 1982



Direcção de
Francisco Salles Loureiro
João Medina
Victor Gonçalves



INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA
Centro de História da Universidade de Lisboa
LISBOA 1982



REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

VOLUME 4 — 1982

Direcção de
Francisco Salles Loureiro
João Medina
Victor Gonçalves

Índice

ESTUDOS & INTERVENÇÕES

O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da
Erra (Coruche) 7
Victor Gonçalves

Materiais campaniformes do concelho de
Oliveira do Hospital 19
João Carlos de Senna Martinez

Cerâmicas da Idade do Ferro da Alcáçova de
Santarém 35
Ana Margarida Arruda

Uma introdução ao *Domesday Book* . . . 41
Fernanda Maurício

Política norte-africana: rumos na expansão
portuguesa 51
Maria Clara Junqueiro

Uma carta inédita de Afonso de Albuquerque
que 61
*Maria Clara Junqueiro, António Ribeiro
Guerra*

Jesuítas na crista da onda da política sebás-
tica 71
Francisco Salles Loureiro

O crescimento de Lisboa e Porto na segunda
metade do séc. XIX e princípios do XX . . 79
António Ravara

Arquivos históricos de Lisboa: contribuição
para um roteiro 95
Arnaldo António Pereira

ENTREVISTA

- Entrevista com Aurélio Quintanilha . . . 121
João Medina

VÁRIA

- Datation au C14 du site archéologique de la
plage de Magoito . . . 133
Suzanne Daveau, Ana Ramos Pereira, Georges Zbyszewski
- Povoado pré-histórico do Cabeço do Cubo
(Campo Maior) . . . 137
Jorge Oliveira, Ana Carvalho Dias
- Epitáfio de Euprepres . . . 141
José d'Encarnação
- Um mercúrio em bronze, inédito . . . 143
Pedro Barbosa
- A propósito de Morón . . . 147
António Dias Diogo

RELATÓRIOS DE ACTIVIDADE

- Cerro do Castelo de Santa Justa (Campanha
4(82) . . . 155
Victor Gonçalves
- Escavações arq. na Ilha do Pessegueiro (3.^a
Campanha) . . . 165
*Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares,
Antónia Coelho Soares*

O Povoado Calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche)

Victor Gonçalves*

1. Localização

O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra localiza-se sensivelmente ao centro de uma longa elevação, definida a Norte pelo contacto com Vale Judeu e a Sul pelo curso da Ribeira da Erra e do Rio Sorraia (Mapas 1, 2, 3).

Uma prospecção sistemática da sua superfície revela a quase inexistência de materiais arqueológicos, salvo os que restaram de uma intervenção a que adiante se fará referência. São igualmente imperceptíveis restos de uma qualquer fortificação mas a plataforma natural em que o povoado assenta permite um extenso raio de visão, cobrindo as vias naturais de penetração representadas pelas terras baixas que o rodeiam.

Pode, assim, dizer-se que a implantação é excelente, em função do espaço, tratando-se, como é defensável, de área com escassa densidade populacional. Seria mesmo possível uma certa camuflagem na paisagem, contrariamente ao que aconteceria se um pequeno cabeço isolado tivesse sido escolhido. No entanto, as condições óptimas para defesa que este último, se fortificado, poderia apresentar estão contrariadas no Pé da Erra pelo alongamento da elevação, deixando desprotegidos

dois flancos e sendo a eles o acesso fácil, a partir dos dois polos terminais da elevação.

Todos estes elementos parecem afastar a ideia de uma preocupação obsessiva com a defesa, como é o caso no Zambujal, Vila Nova de S. Pedro, Monte da Tumba ou Santa Justa, para já não falar do povoado do Escoural. Sobre a preocupação com a defesa prevalece no Pé da Erra um conjunto de outros critérios, facilmente isoláveis: (1) proximidade de cursos de água, fonte de alimentação directa — peixe, moluscos — e indirecta — captura de animais que procurassem dessedentar-se, e ainda de matérias primas — rochas duras, nos terraços do Sorraia, e areão a utilizar como componente não plástico nas cerâmicas (2) em caso de utilização de meios de navegação, deslocações fáceis, multiplicando os recursos alimentares (3) relativa protecção natural, garantida pelos cursos irregulares da linhas de água (4) boa visibilidade em relação ao território envolvente.

Sobre a Carta Militar de Portugal 393, as coordenadas Gauss de um ponto central são

x : 224.8

y : 171.0

* Director da Unidade de Arqueologia. Centro de História. Faculdade de Letras. 1699 Lisboa Codex Portugal.

2. A 'história' do sítio

O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra foi descoberto acidentalmente por um simpatizante do Agrupamento 119 do Corpo Nacional de Escutas, sediado em Coruche. Este, desconhecendo a legislação em vigor no que respeita à regulamentação de escavações arqueológicas, promoveu a abertura de algumas sondagens, seis ao todo, não ultrapassando os 20 m² de área e os 40 cm de profundidade.

Em 1980, data das sondagens, foi o IPPC informado pelo próprio Agrupamento 119, tal como a Câmara Municipal de Coruche. Esta invocou em 05-05-1980 o D.L. 20 985 de 7 de Março de 1932 para a protecção do sítio e propôs-se, mesmo, levar por diante uma eventual vedação, o que, no entanto, não chegou a ser efectuado.

Nesta mesma data, foi-me comunicado, e a Carlos Tavares da Silva, pelo dr. Nunes de Oliveira, do IPPC, a necessidade de prospectar o local mas, na ausência de qualquer apoio oficial, essa intervenção foi impossível de concretizar.

Em 1981 foi transmitido a C. Tavares da Silva que uma pequena verba fora orçamentada para o Pé da Erra, sem que fosse mais uma vez possível concretizar os trabalhos previstos.

Finalmente, a Unidade de Arqueologia do Centro de História da Universidade de Lisboa (UNIARCH), no âmbito do seu projecto ANSOR (Projecto para o estudo da antropização do Vale do Sorraia), em colaboração com o Centro de Geografia (Suzanne Daveau) e o Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa (Fernando Bragança Gil) decidiu promover o estudo dos materiais já recolhidos e do próprio sítio. Este primeiro trabalho traduz já linhas de pesquisa em comum elaboradas.

3. Considerações sobre o contexto regional

Não se conhecem povoados calcolíticos no Vale do Sorraia, devendo mesmo ser salientado o facto de o único monumento ou sítio culturalmente mais próximo se encontrar envolto num certo mistério.

Com efeito, o que poderá ser chamado, à falta de melhor designação (os autores da descoberta não lhe dão sequer alguma...) o sítio «megalítico» da Quinta Grande, tanto pode ter sido um monumento megalítico destruído, como um extenso enterramento em fossa (similar ao de Aljezur?),

uma vez, considerada a natureza e estado dos artefactos, ser impossível tratar-se de um povoado.

Os escavadores, que actuaram aliás meritariamente, numa situação de emergência, publicam uma estratigrafia completamente incompreensível e não conseguem chegar a uma conclusão defensável (Vicente, Andrade e Dias, 1974, nomeadamente pp. 92-93). A análise do espólio a partir dos bons desenhos e fotografias divulgados levanta, porém, não poucos problemas. E se, a um primeiro olhar, a cerâmica poderia justificar parcialmente as comparações que os AA. estabelecem com as antas do Crato, a verdade é que não se registam na Quinta Grande os principais atributos que, associados, definem a cerâmica do grupo megalítico Crato/Nisa. É o caso dos vasos troncocónicos ou hiperbolóides que surgem, neste estranho sítio, com características ausentes no Crato/Nisa: as colunas de mamilos perfurados oferecem mesmo às cerâmicas da Quinta Grande uma certa originalidade.

Quanto ao material lítico, um só artefacto poderia, pela sua relativa raridade, aproximar os dois contextos. Refiro-me à «alabarda» ou «ponta de dardo», em sílex e com o característico retoque rasante mas ainda assim ela é pouco frequente no Crato, sendo o último exemplar aí recolhido o que se identificou na Anta dos Penedos de S. Miguel (escavações inéditas de Victor Gonçalves, Françoise Treinen-Claustre e Ana Margarida Arruda).

Também a nível dos artefactos relacionados com o sagrado se encontram diferenças que parecem não ter perturbado os AA., como é o caso da inexistência na Quinta Grande das belas placas votivas de grés, lisas ou soberbamente decoradas. Em contrapartida, na Quinta Grande, ao lado de 27 placas de xisto com decoração geométrica, surgem três báculos, peças que continuam a ser pouco frequentes em contextos específicos.

Mas, se a informação publicada é escassa, alguns materiais inéditos indicam que é à falta de prospecção/escavação que tal situação se deve. Na sede do Agrupamento 119, em Coruche, tive oportunidade de observar placas de xisto com decoração geométrica, de proveniência incerta mas atribuível a monumento destruído ou violado cerca de Coruche e, recentemente, a Câmara Municipal divulgava fotografia de anta excelentemente conservada (Boletim Municipal, Ano IV, n.º especial, 1.º semestre, Coruche, 1981, p. 28). Por outro lado, consta que algumas das míticas escavações de Manuel Heleno em antas alentejanas decorre-

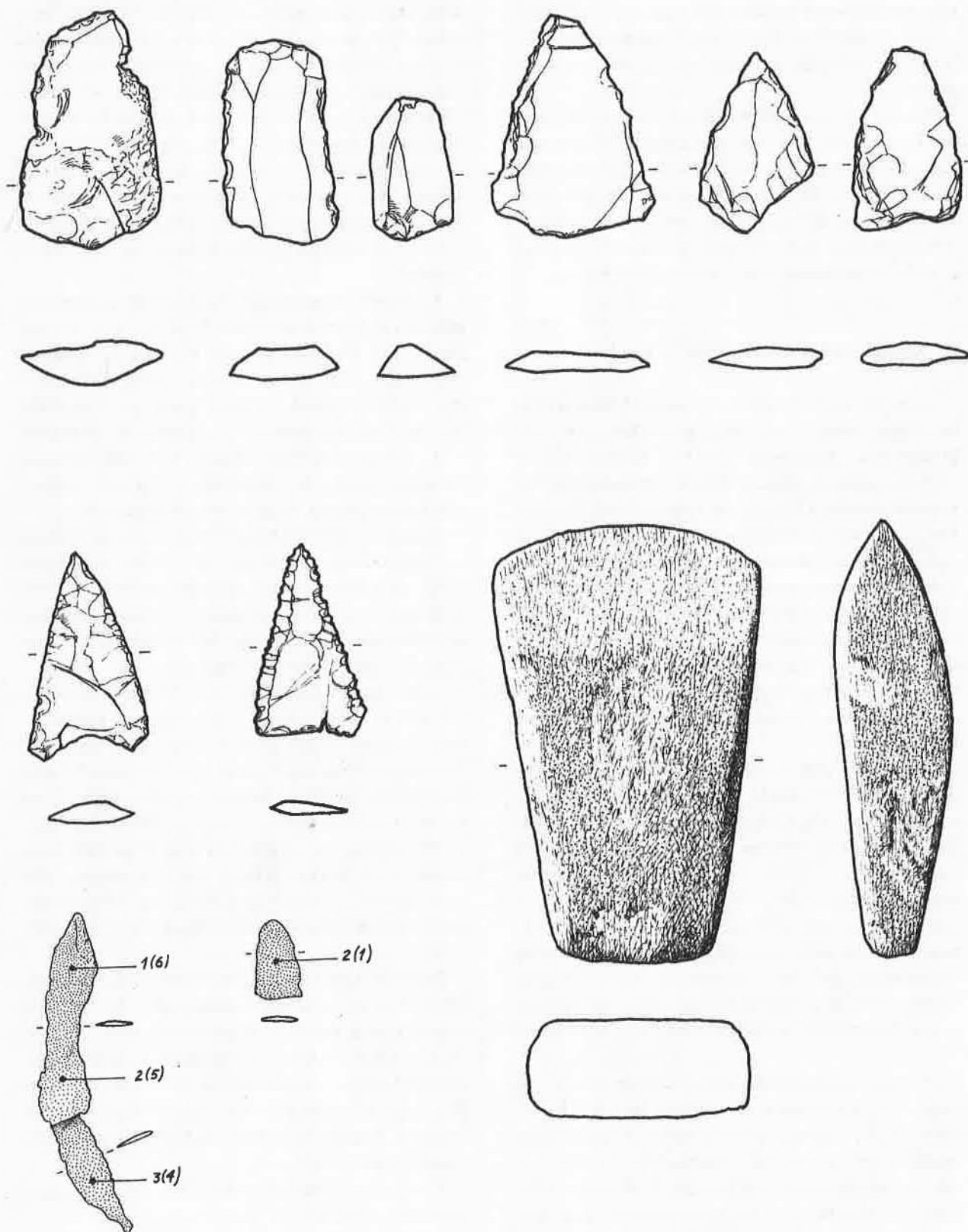


Fig. 1 — Artefactos de pedra lascada e polida e dois fragmentos metálicos provenientes do Cabeço do Pé da Erra (1 : 1).

ram precisamente no concelho a que nos referimos sendo de recordar que o Lavre se encontra não longe da extrema, se bem que já em terras de Montemor.

Parece, portanto, claro que o sítio do Cabeço do Pé da Erra não aparece num vazio arqueológico e não será de todo inoportuno recordar que Vila Nova de S. Pedro não fica, em absoluto, a muito mais de um dia de marcha e/ou navegação, sobretudo se tomarmos em linha de conta a extrema mobilidade dos homens desta época.

4. Considerações gerais sobre o espólio

Como se disse, o espólio disponível para estudo era inicialmente constituído por artefactos recolhidos pelo Agrupamento 119. A este núcleo vieram juntar-se alguns outros provenientes das prospecções da Unidade de Arqueologia do Centro de História [quando esta notícia estava já redigida, Vitor Brotas, um estudante de Medicina residente na povoação da Erra, entregou-nos para estudo um pequeno núcleo que inclui algumas peças de grande interesse, e a que se viriam juntar alguns outros materiais, recolhidos por J. Catarino. Publicam-se imagens, tendo algumas observações que elas justificam sido acrescentadas ao texto original].

Estas séries estão longe de representar a totalidade dos achados tendo inclusivamente sido extraídas peças algo importantes, como as queijeiras, alguns percutores e, pelo menos, um dos fragmentos de cobre recolhidos pelo Agrupamento 119 [também Vitor Brotas se referiu ao extravio de peças, sobretudo cerâmicas, que emprestara para uma exposição em Évora]. Entendi, no entanto, que seria interessante referir alguns desses artefactos, sobretudo por deles terem sido feitas fotografias suficientemente esclarecedoras.

O macro-instrumental está presente através de percutores e componentes de mós manuais [e, na série de V. Brotas, por estranhos instrumentos nucleiformes, de cunho arcaizante]. Os percutores (desaparecidos) eram de tipo tradicional, esféricos de quartzo com traços nítidos dos impactos de utilização. Um único exemplar foge a esta definição: trata-se muito provavelmente de uma peça paleolítica reutilizada como percutor pelos habitantes calcolíticos do Pé da Erra (CPE.S.7). CPE.S.1 e .2 são, respectivamente, elementos movente e dormente de uma mó manual, de gra-

nito. A matéria prima é estranha ao sítio mas possível de obter a algumas dezenas de quilómetros. Ambos os componentes se encontram em adiantado estado de utilização/reutilização, o que é particularmente visível no dormente, cujas actuais dimensões patenteiam a sua quase exaustão e, consequentemente, a relativa raridade da matéria prima. Esta realidade implicou ou aconselhou sucessivos reaproveitamentos da provável massa inicial, conduzindo à sua redução a dimensões críticas.

A lâmina fragmentada bem como o que nos parece ser um sub-produto de preparação de um núcleo de lamelas, e uma das lascas, apresentam talhe comum em lugares desta época e a sua matéria prima, o sílex, pode ser recolhida nos terraços do Sorraia, não longe do povoado.

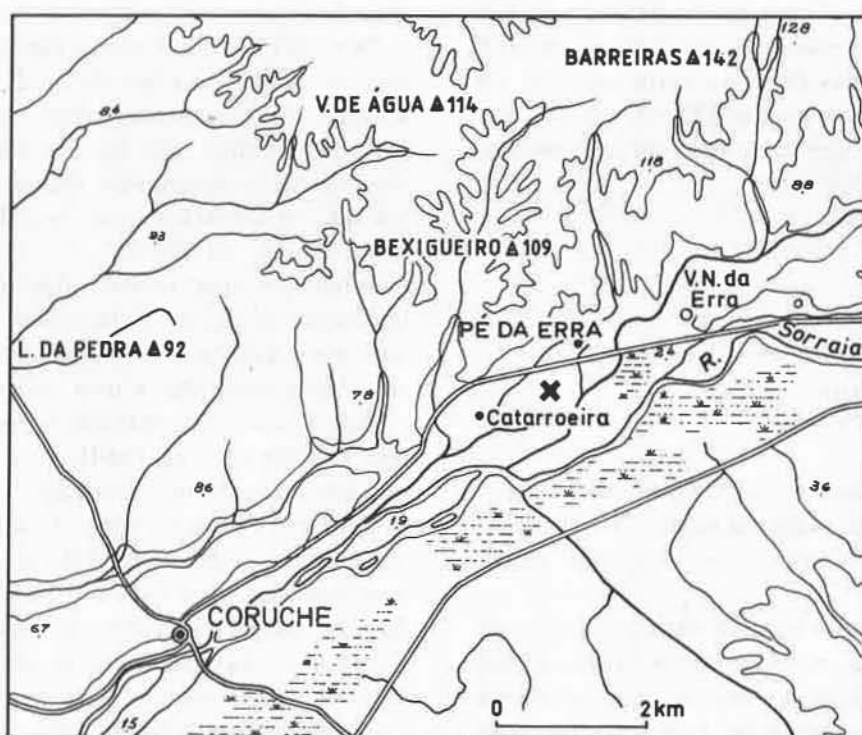
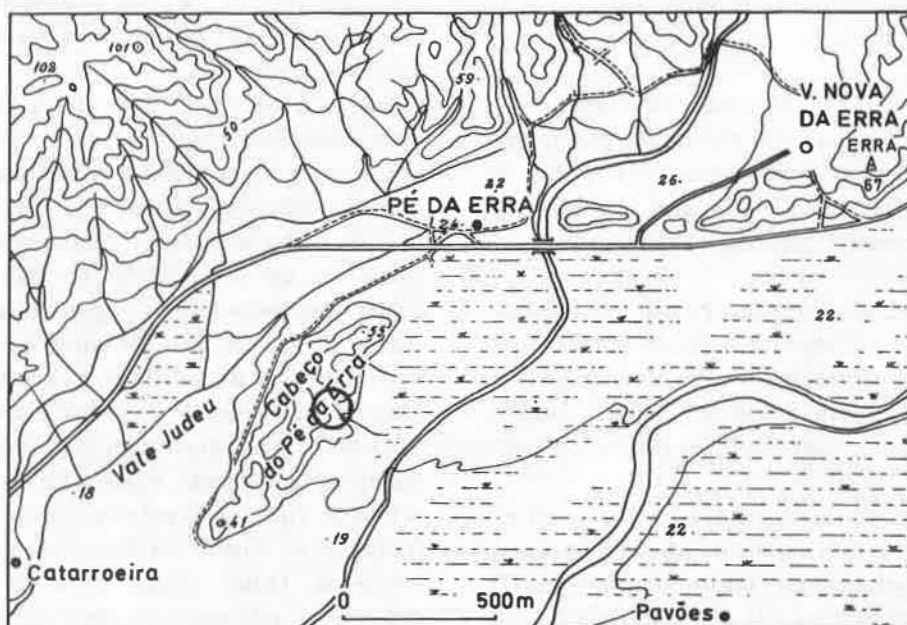
A cerâmica justifica alguns comentários mais extensos, sendo de sublinhar, à partida, constar exclusivamente de fragmentos não decorados.

Na sua quase totalidade, trata-se de cerâmicas de uso comum, recipientes de cozinha e contentores de alimentos. As excepções incluem (1) três fragmentos de pesos de tear, de secção circular, semelhantes aos crescentes do Sudoeste mas ligeiramente mais espessos que eles, um pouco à maneira da espessura que esta forma assume no Centro de Portugal (2) fragmentos de queijeiras que parecem provir de recipientes de corpo cilíndrico, similares aos cinchos recolhidos na Rotura, em Vila Nova de S. Pedro e noutros sítios desta época, tanto no Centro como no Sul de Portugal. [Uma notável peça, recolhida por V. Brotas, assemelha-se, pelo contrário, a um outro fragmento proveniente do Cerro do Castelo de Santa Justa, tendo provavelmente pertencido a um cincho esférico].

Num total de 35 fragmentos cerâmicos, incluindo 34 bordos e 1 carena mamilonada, foi possível reconstruir a forma e as prováveis dimensões de 25 e a tipologia geral de outros 9. A amostragem é significativa, considerada a dimensão da recolha, cujos componentes não identificáveis incluem bojos e fundos que não contrariam as formas reconhecidas.

Uma rápida seriação geral da cerâmica permite-nos distinguir 9 tipos

1. pratos — 6 exemplares
2. taças — 13
3. esféricos — 5
4. pequenos esféricos — 1
5. carenas sobre taça — 2



Mapas 1 e 2 — O Cabeço do Pé da Erra e a região que o enquadra. No Mapa 1, o círculo assinala a área de onde são provenientes os materiais arqueológicos.

6. potes — 1
7. taças em calote — ?
8. queijeiras — 3 (+ 1, recolha V.B.)
9. pesos de tear — 3

No entanto, comentários mais específicos são possíveis, e ainda quanto ao perfil. Assim os pratos identificados podem dividir-se em (1) pratos de bordo não espessado, 5 exemplares, e (2) pratos de bordo espessado interna e externamente, 1 exemplar.

Na sua totalidade, estes pratos apresentam como característica comum o fundo quase plano e a sua pequena altura, o que naturalmente produz índices baixos, aproximando-os do que alguns autores consideram formas *antigas* (Márquez, Leisner & Leisner, 1955).

As taças são divisíveis em (1) de bordo espessado (2) de bordo não espessado. A primeira categoria inclui bordos (1) espessados internamente (2) espessados externamente (3) espessados interna e externamente. CPE. S.13 é uma pequena taça de bordo extrovertido.

No que respeita às dimensões dos recipientes, o seu diâmetro útil (interno) fornece-nos alguns indicadores: em 30 diâmetros determinados, 21 distribuem-se entre os 19 e os 30 cm, 5 são inferiores a 19 cm (distribuindo-se entre 18 e 7 cm) e 4 são superiores a 30 cm (entre 31/37 cm). Um agrupamento interessante, entre 18/21 cm, reúne 9 das peças estudadas (30 %) e entre os 27/32 cm encontramos 10 recipientes (33 %).

Se criarmos divisões de acordo com padrões/designação poderíamos ter:

recipientes de diâmetro
 muito pequeno (< 10 cm) — 1
 pequeno (11/20 cm) — 10
 médio (21/30 cm) — 15
 grande (31/40 cm) — 4
 muito grande (> 40 cm) — 0

São, assim e nesta óptica, evidentemente maioritários os vasos de diâmetro médio (50 %), acompanhados a certa distância pelos valores dos pequenos (37 %).

É evidente que esta seriação nada tem a ver com a volumetria, que mobiliza outros critérios, mas fornece-nos uma certa imagem, que privilegia claramente as chamadas formas *abertas*. Observe-se que CPE.S.15. e 38, por exemplo, são dois vasos que surgem distribuídos por dois grupos, se atendermos aos parâmetros convencionados, mas

cujas capacidades deve ter sido muito semelhante. Por outro lado, o pote CPE.S.11 pode ter sido um vaso-de-provisões, bem diferente funcionalmente de CPE.S.11, cujo diâmetro é muito próximo do seu.

Sendo a cerâmica desta época manual, e não estandardizada, é óbvio que as compartimentações são sempre aproximativas e a tónica deverá ser colocada nos picos e não nas médias.

Uma palavra sobre o acabamento das cerâmicas até agora recolhidas no Cabeço do Pé da Erra: contrastando com alguns fragmentos alisados, e de menor teor em componentes não plásticos (cnp), é de salientar a abundância destes últimos na esmagadora maioria dos vasos identificados. Estes apresentam superfícies nuas, sem qualquer acabamento, rugosas ao tacto. Compõem o lote de cnp grãos que parecem provir do areão frequente na Ribeira da Erra e no Vale do Sorraia em geral. Outra origem para os cnp poderia consistir no esfarelamento do granito trazido para o local ou mesmo no aproveitamento do saibro grosso existente no próprio Cabeço do Pé da Erra.

O aspecto geral destas cerâmicas dá-nos uma imagem de uma certa homogeneidade, como se estivéssemos perante um povoado com um único nível de ocupação, e são elas que fornecem uma imagem relativamente clara sobre a possível periodização.

Os pratos, e a sua tipologia específica, as taças, a extrema raridade do tipo de bordo designado por almendrado, a pequena carena mamilonada, talvez nos permitam falar de uma fase *antiga* dentro do calcolítico, apontando mesmo um momento em que os construtores de megálitos estivessem ainda activos na região.

Entenda-se que quando falo de *antiguidade*, dentro da Idade do Cobre, para este conjunto, não me refiro a uma antiguidade estritamente *cronológica* mas antes a uma antiguidade *cultural*.

Esta precisão é importante porque temos assistido recentemente na Pré-História de Portugal a uma escandalosa sobrevalorização do *antigo*, quase inexplicável num povo com oito séculos de História e muitos milénios de Pré-História, por vezes bem específica. Esta autêntica paranóia do antigo faz com que se confundam dados, cuja identidade é por vezes extremamente nítida, em nome de um comparativismo que nem no séc. XIX esteve em moda. Deixo portanto claro que a definição tecnológica possível neste momento para o Cabeço do Pé da Erra aponta para um certo arcaísmo. Se ele corresponde a uma cronologia antiga ou se

evidencia simplesmente atraso tecnológico, essa é uma outra questão.

Os fragmentos de barro amassado recolhidos nas prospecções da UNIARCH, e que não tinham interessado aos responsáveis pelas primeiras sondagens, deveriam ter pertencido a estruturas habitacionais, sendo de salientar o seu aspecto: mais parecem fragmentos de adobe que autêntica cerâmica de revestimento, como a do Cerro do Castelo de Santa Justa (Gonçalves, 1981 *a* e *b*).

Quanto aos dois fragmentos de metal, as análises efectuadas pelo Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa (ver Anexo) são particularmente interessantes.

Assim, a peça CPE.S.48 apresenta uma composição predominante de cobre (93,1 %) e arsénio (5,75 %), com traços de ferro e antimónio, sendo de sublinhar a percentagem de ferro, ligeiramente superior a 1 %.

A lâmina CPE.S.49 forneceu ao Prof. Bragança Gil valores ainda mais interessantes, com uma média de cobre aceite ligeiramente superior a 95 %, com quase 3 % de arsénio, mais de 1 % de ferro e ainda pequenas quantidades de crómio, prata, estanho e antimónio.

Trata-se, aparentemente, de dois artefactos fabricados a partir de matéria prima local (há ocorrências de cobre a poucas dezenas de quilómetros) cujo «ambiente» será extremamente interessante conhecer com o desenrolar de futuras intervenções.

Resumindo: o povoamento calcolítico do Pé da Erra é assinalado por práticas agrícolas (mó manual), pela criação de gado (queijeiras), pelo conhecimento da tecelagem (pesos de tear) e provavelmente da metalurgia (instrumentos de cobre). Se não sou aqui peremptório em relação a este último ponto, as reservas explicam-se por não terem sido recolhidos ainda cadinhos ou pingos de fundição, indispensáveis para indicar uma metalurgia local. No caso de tal se não vier a verificar, poderíamos estar perante peças adquiridas ou trocadas, não se podendo, portanto falar, de manufatura própria.

Apesar da dificuldade em encontrar indicadores de grande precisão, e não querendo emitir ainda opinião segura, diria que uma data de 14C de 2500 ac não seria de estranhar para o conjunto.

V. G.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GONÇALVES, VICTOR (1981a) — *Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim)*. Campanha 2(80). Relatório prévio e notações do Caderno de Campo. Clio 3, Lisboa, pp. 165-170.
- GONÇALVES, VICTOR (1981b) — *Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim)*. Campanha 3(1), Clio 3, Lisboa, pp. 171-176.
- MÁRQUEZ, C. C., LEISNER, GEORG, e LEISNER, VERA (1952) — *Los sepulcros megalíticos de Huelva*, Madrid
- VICENTE, E. P., ANDRADE, G.E.M., e DIAS, V.M.R. (1974) — *Uma jazida pré-histórica no Vale do Sorraia*, Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, vol. 1, Porto, pp. 91-104.

ANEXO

Análise por fluorescência de raios X de dois fragmentos metálicos provenientes do Cabeço do Pé da Erra (Coruche)

Trata-se de duas pequenas peças fortemente atacadas por corrosão que foram analisadas sem que se tenha procedido a qualquer tratamento prévio de limpeza. Foram referenciadas com as designações CFNUL 65/83 e CFNUL 66/83. A primeira lembra a extremidade de uma lâmina e a segunda uma ponta alongada, encontrando-se torcida a parte que corresponderia ao encabamento.

Escolheu-se, para efeito de determinações de composição, as zonas centradas nos pontos indicados (Cf. figura 1), correspondendo os algarismos entre parênteses a pontos situados nas faces opostas às representadas. No objecto 65/83 realizaram-se apenas duas determinações, atendendo às suas reduzidas dimensões.

Os resultados obtidos para ambos artefactos encontram-se nos Quadros I e II, respectivamente para o 65/83 e 66/83.

QUADRO I

COMPOSIÇÃO DO OBJECTO CFNUL 65/83 (FRAGMENTO DE LAMINA?), CPE.S.48 ELEMENTOS DETECTADOS, %

Zonas da peça	Cu	As	Fe	Sb
1	93,0	5,6	1,4	0,01
2	93,2	5,9	0,9	0,01

QUADRO II
COMPOSIÇÃO DO OBJECTO CFNUL 66/83
(PONTA ALONGADA?), CPES.49
ELEMENTOS DETECTADOS, %

Zonas da peça	Cu	As	Fe	Sb	Cr	Ag	Sn
1	94,8	3,0	1,1	—	1,1	—	—
2	96,0	2,8	1,2	—	—	—	—
3	96,1	2,8	0,6	*	0,5	*	*
4	94,8	1,8	1,8	—	1,6	—	—
5	94,5	3,8	1,7	—	—	—	—
6	89,1	6,3	3,8	*	0,8	*	*

* — vestígios.

A observação dos valores contidos neste quadro e a sua comparação com os existentes no anterior mostram que, provavelmente, os dois artefactos não foram produzidos a partir da mesma matéria prima. Na realidade, detectaram-se no objecto 66/83, como impurezas, elementos que não foram observados no 65/83 (estanho, prata e, sobretudo, crómio). Por outro lado, o teor em antimónio desta peça, embora pequeno, é inequivocamente superior ao que se encontra no artefacto 66/83.

Facto ainda mais significatigo é a percentagem anormalmente elevada de arsénio naquela peça.

No objecto 66/83, os resultados obtidos nas diferentes zonas, com excepção da referenciada com o n.º 6, constituem um conjunto razoavelmente homogéneo. Aqui os teores de arsénio e ferro são nitidamente superiores aos encontrados nas restantes zonas, o que faz baixar o teor de cobre. Isto deve-se, possigemente, a uma contaminação ou a uma migração selectiva devida a fenómenos de corrosão.

Tomando a média dos resultados das cinco primeiras zonas da peça 66/83, obtém-se para composição progágel deste artefacto os seguintes valores: Cu:92,5 — 0,7 %; As:2,8 — 0,6 %; Fe:1,3 — 0,4 %; Cr:0,6 × 0,6 %; gestígios de Ag, Sb e Sn.

Os artefactos analisados são assim dois objectos de cobre com impurezas, pregalecendo entre estas o arsénio e ferro, composição bastante comum entre os artefactos do Calcolítico português.

F. Bragança Gil
M. Filomena Guerra

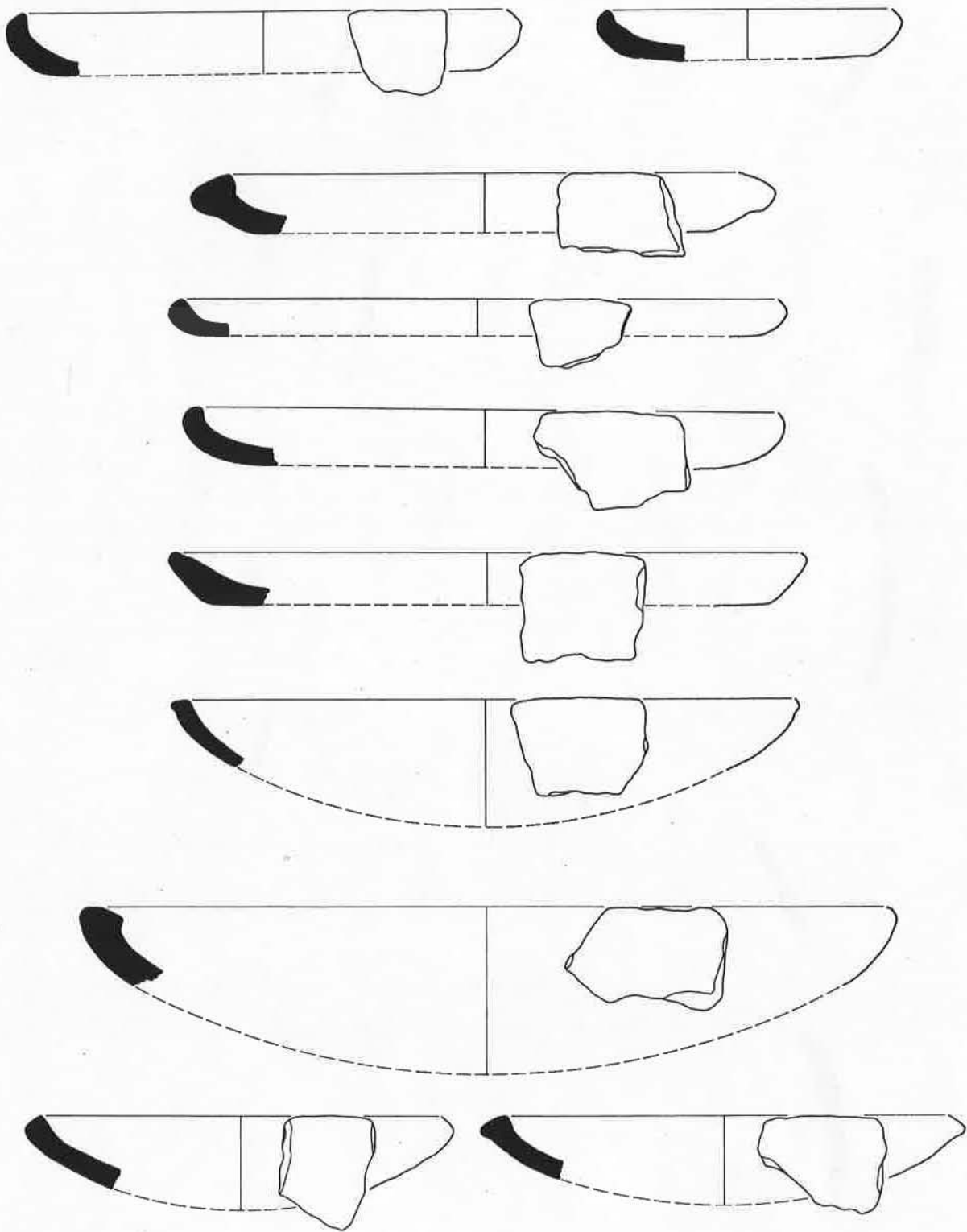


Fig. 2 — Corâmicas (1 : 3).

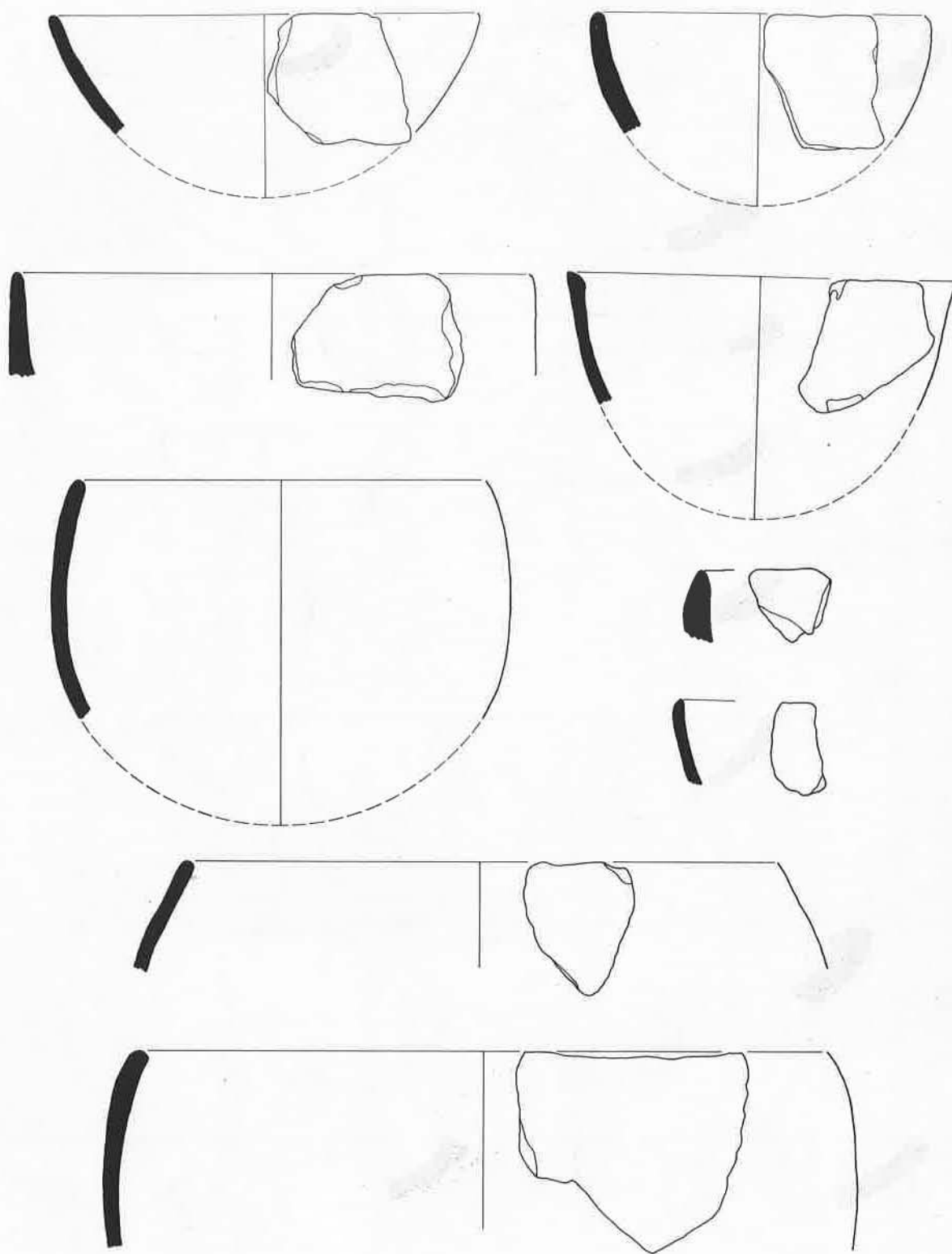


Fig. 3 — Cerâmicas (1 : 3).

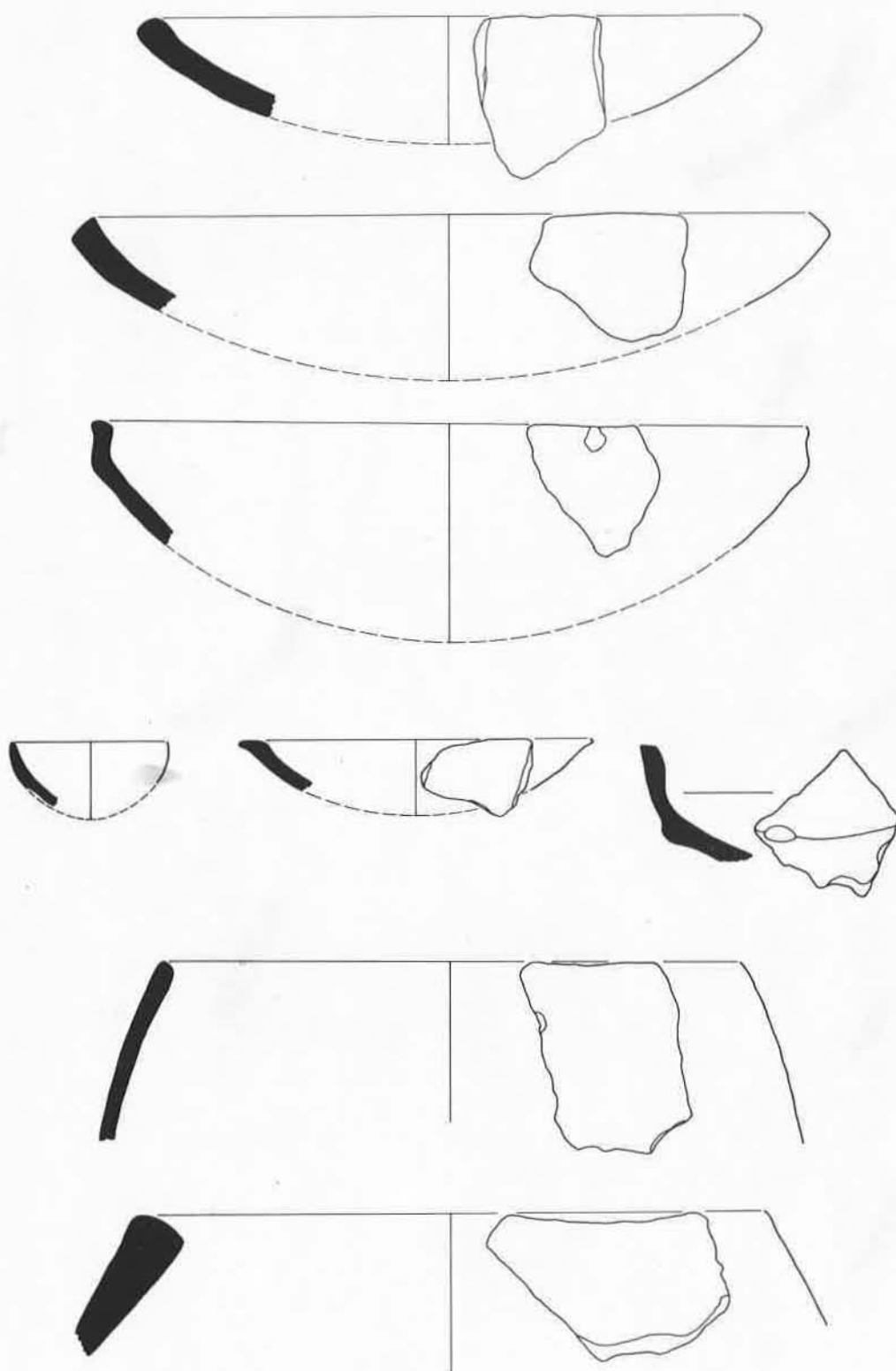


Fig. 4 — Cerâmicas (1 : 3).

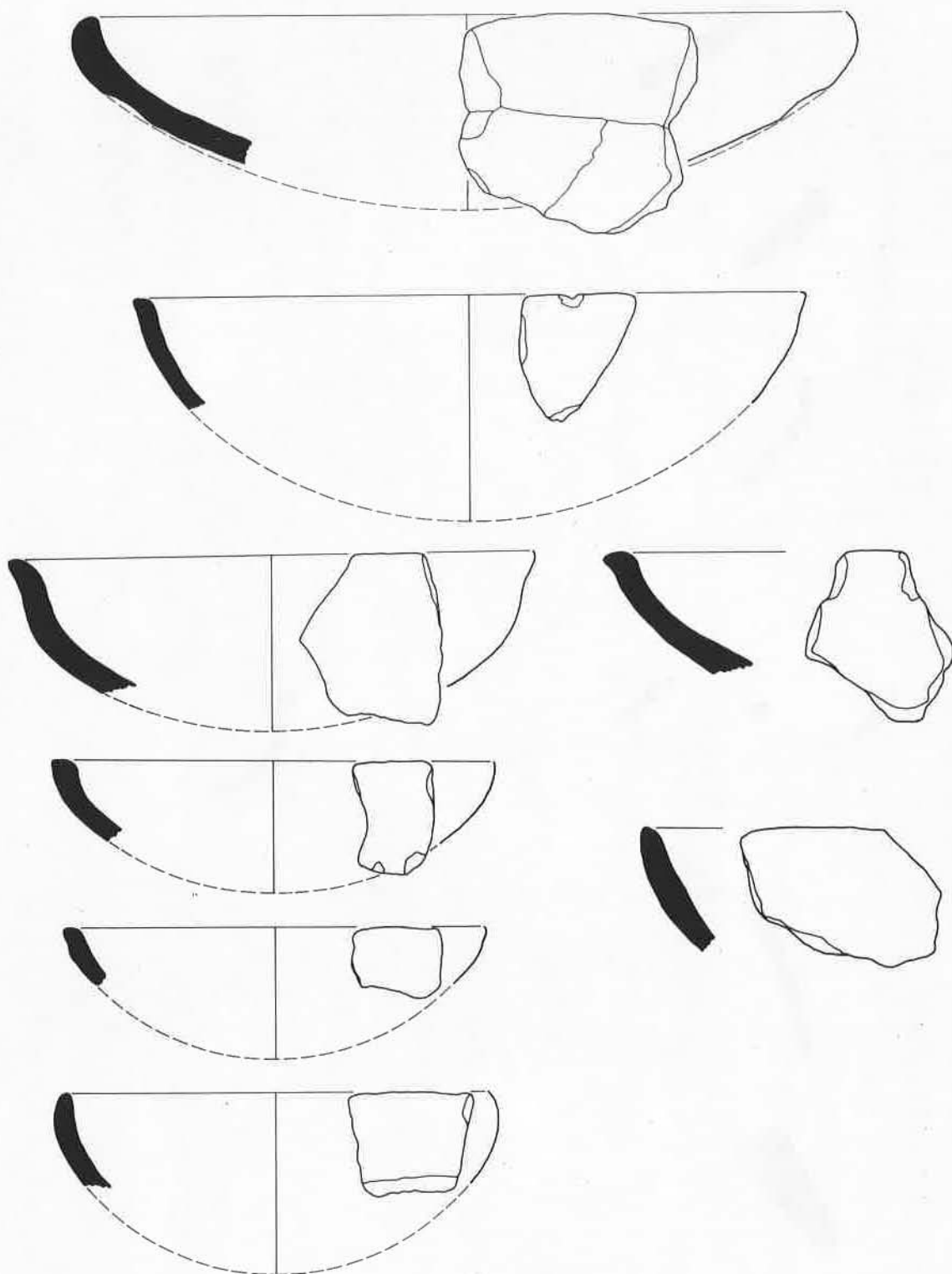


Fig. 5 — Cerâmicas (1 : 3).



Estampa 1 — O Cabeço do Pé da Erra, visto do acesso que aponta ao actual curso da Ribeira da Erra.